

Anno 1.

# O CAMPEÃO

N.º 6-19

SEMANARIO DE LITTERATURA, CRITICA E DE SPORT

DIRECTORES LITTERARIOS

BENTO IZIDRO  
MARIO NEY  
J. COSTA BASTO

EDITOR

ALBERTO GOMES COELHO

Julio Ramos



com as mais sagradas leis da psychologia, onde não iriam parar os destinos d'uma nacionalidade como a nossa!

Portugal tem com justo motivo vivido na obscuridade, ignorado; e até vilipendiado, quando lá fora alguém se lembra d'elle: porque não tem consentido que seus filhos deem livre curso ás suas aptidões, fornecendo-lhes meios que uma nação, ciosa do seu bom nome, em geral prodigalisa.

A fonte de riqueza n'este paiz é o vinho, assim se afirma publicamente. Se esta fonte exhaurir, Portugal desaparece consequentemente da lista das nações, por insubsistencia e mingua d'outros recursos.

Apezar de tudo, ainda a arte portugueza surge com animo, trilhando todavia um caminho cheio de abrolhos que a critica inintelligente e desequilibrada lhe prepara, em concurso com a repugnancia governativa.

Os artistas portuguezes, lutando contra todos os obstaculos, vão porém provando a sua existencia ás nações cultas; vão apreçoando triumphantemente o nome portuguez em exposições internacionaes, esperando, d'esta fórma, uma reputação que nos nobilita e nos desaffronte.

Entre esses artistas, alguns já consagrados, salienta-se Julio Ramos, a quem hoje prestamos homenagem pelo seu extraordinario talento e pelo seu ardor n'uma empreza que pugna pela regeneração patriótica.

Como artista, Julio Ramos deu provas esplendidas do seu raro merito com a sua obra exposta n'um salão da Photographia Guedes. A Camara Municipal possui no seu Museu um verdadeiro prodigio de arte em que o nosso illustre paisagista synthetisa brilhantes faculdades de concepção e de realisação plastica: cerebro e braço perfeitamente adestrados pelo estudo e pela observação perseverante.

Ao presente, Julio Ramos, sempre infatigavel, occupa-se d'uma obra de folego que destina ao grande certamen universal de 1900, obra que muito deve honrar o nome portuguez, attentas as qualidades excepcionaes do illustre artista.

Como luctador perante a indifferença publica, Julio Ramos é reconhecidamente um precioso auxiliar na conquista dos direitos e privilegios da causa artistica em Portugal.

J. A. R.

## CHRONICA

**F**ORAM-SE as scintillações do bom sol e farrapos negros de nuvem pozeram no alto os tristes tons d'inverno.

A chuva cahe.

E por essas ruas, o bando humano, de pára-aguas em riste, alembra tortulheira ambulante de largo umbraculo escuro.

Sob os olhares curiosos põe o indistincto alçar das feminis roupagens, mol-des da grega estatuaria.

E ainda bem, para chamariz ás meias de fio d'escoicia, por ahi ajoujando mosturarios de lojas chics.

Ainda bem!...

No entanto, emquanto a galocha resguarda as plantas d'uns e as meias caras põem desejos em tibias d'outras, abunda, por este burgo, miseria em barda.

Ha tal cujas botas encharcadas formam authenticas orchestras e sente na nuca o peso de safado penante, embebido do pranto celestial — como diriam poetas.

E esses, os rotos, pela noute, se adrega haverem posse de miserrimo albergue, é elle ainda frio e humido, desmantelado e infecto.

Desgraça maxima, esta, de trefar todo o longo dia sob o implacavel aguaceiro, sem deparar á noute o gasalho tepido d'um lar.

E' por relembrar toda a immensa amargura dos inditosos, toda a larga maquia do soffrer com que o destino torna de fél o viver dos pobres, que se me enuevoa de prantos a alma e o meu espirito se entenebrece de crepes.

\* \* \*

Restea breve de sol e logo lugubre cerração, assim foi a ida semana.

Imagem da vida, onde, de quando em vez, um sorriso esmalta um mar de prantos.

Não ha lumes no ceu escuro, pesado e tetrico como uma grande abobada toda de nankim, como a alma d'alguem que amou sem ser amado.

Céu desolado sem um filete prateado de luar, o d'estas noutes, cheias de soluços do vento—o erradio pregador das solidões, o extranho propheta que vae gemendo, nem sei bem, se psalmos de monge, se lamentos doloridos de corações trahidos.

Ao passar por mim, o lamurioso Assheverus, conta-me cousas varias, crimes nefandos...

**A**ARTE, que tem por fim estabelecer um laço de sociedade e de sympathia, entre os seres vivos, tornou-se, em todos os tempos, uma potencia para a formação do caracter individual e social dos povos que mais alto teem subido na escala da civilisação.

A Arte subtilizou os espiritos, rebusteceu-os para as agruras da vida. Deu-lhes malleabilidade para assimilar os bons principios d'ordem moral e politica... domesticou, para assim dizer, o mais feroz dos animaes da Creação:—o homem!

Disse algures um philosopho moralista, que em economia politica se raciocina tanto melhor quanto mais se approxima o homem da besta...

Ainda não ha muito, um ministro, quando de visita a esta cidade, para confirmar a asseveração do philosopho, brindou exclusivamente aos homens uteis do paiz, na accepção estreita do termo.

Este materialissimo ministro para quem a maxima evangelica, non in solo pane vivit homo, é decerto expressão gratuita, infundada e até ridicula, tem, até hoje, provado, em accôrdo completo com as suas theorias, o seu egotismo e deshumanidade em actos do poder executivo.

Com homens d'esta força, em permanencia governativa, em collisão

Ora a historia de innocentes, sob gri-lhões, por arremessarem ao espaço, n'um grito, o jubilo d'alma.

Segreda-me a sua tremenda agonia entre o salitroso das paredes, humidas e sombrias.

Descreve-me as tristezas da luz, coada pela fresta gradeada e a impressão do ar viciado, penetrando nos pulmões.

Narra-me o peso descommunal das abobadas do carcere sobre as consciencias limpidas.

E depois, n'uma rajada mais forte, com gritos de colera e revolta, perpassa ante mim, bradando, lançando pelo espaço o pregão de não sei que luminoso porvir de santa regeneração, toda Bem, toda Verdade e toda Justiça...

D'outras vezes, a modos que solta um gargalhar homerico, pondo a nú a *humana pequenez*.

Aponta-me entidades minusculas, no pelourinho do mando, revolvendo-se na crapula das vis paixões, n'este lodo mundanal, que havia de provocar-nos nausea, se subissemos alto como as aguias.

E assim, ares afóra, elle lá vae o vento, o velho pregador; ora em brados de colera, ora n'um rir galhofeiro, sempre puro, máu grado o varrer todos os monturos.

\* \* \*

Melancholica transcorreu pois a ida semana.

E tão somente, n'esta immensa tristeza, a festa do Orpheon e as noites do D. Affonso pozeram uma nota clara e viva, pura e boa como a divina arte só a sabe e pode suggestionar.

MARIO NEY.



## VERSOS ANTIGOS

(ILLUSÕES PERDIDAS)

Em as altas torres dos meus sonhos bellos  
Sonhos do passado, sonhos de illusão,  
Stão dobrando os sinos, chamam a finados,  
Em vozes sentidas, em sons mogaodos,  
Como entes famintos a pedir um pão.

Pela azul estrada, cõr dos caramelos,  
Illusões perdidas vão a descançar.  
Vão todas tão lindas, vão tão perfumadas,  
Que parecem noivas, que parecem fadas,  
Quando vão á igreja, quando vão noivar!

Ó Virgem que amei—volve essa fronte tua.  
Olha esses cadaveres que vão a passar:  
Illusões já mortas, illusões perdidas,  
Juramentos falsos, lagrimas mentidas,  
Vão ao cemiterio, vão descançar.

Em o azul do céu lá vae passando a lua  
Athaude branco de illusões perdidas.  
As estrellas luzem, luzem como cirios,  
Branças como pombas, brancas como lyrios,  
As estrellas luzem no azul perdidas.

Uma caveira branca, entre amortalhados,  
Vem atraz de tudo, vem a rir a rir...  
Oh! eu a conheço! Oh! meu Deus que horror!  
Aquella caveira é a do nosso Amor...  
Illusões perdidas as do meu porvir!...

Eis a cova aberta entre os desgraçados.  
Illusões perdidas ides descançar.  
O que importa a Morte se ella tem de ser?! ..  
Illusões perdidas vamos esquecer...  
Illusões que valem? .. E' cantar, cantar!

Vida de amarguras, vida sem viver,  
Illusões perdidas quem as pode achar?!  
Desgraçados sonhos oiço os vossos ais...  
Illusões perdidas que não voltam mais,  
Illusões perdidas... fico-me a chorar!...

Porto.

J. COSTA BASTO.

## Pobre Aldina!...

(Ao Joaquim Ventura Junior)

**B**ELLA e linda, mesmo muito bella e muito linda, reclinava-se gentilmente, gracilmente, n'uma frisa do theatro lyrico, na primeira noite em que se cantou o *Mephistopheles*.

O seu corpo delgado apertava-se dentro de um pequerrinho corpete de setim azul, muito azul, tão azul como azul era o seu olhar, adornado de rendas finissimas que cobriam, como nuvens ligeiras, o seu collo branco de neve, tão branco, como branca devia ser a sua alma.

Um sorriso alegre, feliz, divino, illuminava o seu rosto encantador, angelical, sorriso tão radioso que se reflectia bem profundamente, bem intimamente na minha alma atormentada, fazendo-lhe sonhar inefaveis doçuras.

Eu olhava-a enlevado e os meus olhos não se afastavam, não, d'aquella imagem encantadora que alli via como celeste apparição obrigando-me a sonhar phantasias cõr de rosa...

Ah! mas quantas vezes, quantas, eu não senti a revolta e o desespero minar-me cá dentro, hem dentro do meu peito, de não poder aspirar o sublime goso de cantar-lhe as mais sentidas estrophes, de recitar-lhe os mais ternos madrigaes...

E, comtudo, eu olhei-a sempre, sempre, durante todo o espectaculo, até que ella sahii com o mesmo sorriso alegre, feliz, divino, illuminando o seu rosto angelical e enroscando-se na sua capa de velludo espumada de arminhos.

\*

Por uma d'essas tardes magnificas de primavera á luz bendita do sol eu vira-a a segunda vez no Palacio divagando, sósinha, tão bella e linda como a vira, pela vez primeira, reclinada gentilmente, gracilmente, na frisa do theatro lyrico, ao longo das alamedas bordadas de flores desconhecidas, e dispunha-me a fazer-lhe ouvir o canto da minha alma, quando ao passar por ella timidamente, confusamente, se ouviu uma voz chamando pelo seu amavel nome—Aldina!

Ella voltára-se, e logo os nossos olhares se encontraram, não sem que ella sorrisse com aquelle seu sorriso alegre, feliz, divino, emquanto que eu experimentava a mais profunda commoção, sentia o mais rubro afogeuamento nas minhas faces.

Ah! o seu nome, saber o seu nome, e o sorriso, receber o seu sorriso, bastava-me para encher-me de ventura, porque apezar de episodios mesquinhos da comedia humana, são comtudo pequenos nadas que enebriam de felicidade os corações que se queimam dos ardores com que é feito o seu amor!

E eu alli permaneci por muito tempo abstracto até que ella desapareceu lá ao longe, muito ao longe, ge. til, muito gentil, como ao longe, muito ao longe desaparecia tambem o magnifico sol d'esta bella tarde de primavera.

\*

Eu não sei, confesso, que vaga ideia me levou por uma deliciosa manhã de outomno á melancholia dos cyprestes e como me prendeu a attenção um soberbo jazigo, junto do qual se atarefavam uns homens a retalhar o chumbo para um caixão.

Interroguei-os com essa curiosidade natural e fui depois até ao deposito a ver o cadaver d'uma menina linda como os amores que a implacavel tysica matara e que d'alli a pouco deveria ser sepultada.

Olhando o esquite soltou-se-me um doloroso suspiro em que ia toda a minha alma.

Ah! n'aquelle esquite branco, muito branco, estava Aldina morta com o rosto lindo, muito lindo, ja arroxieado, mas com o mesmo sorriso divino, com que eu a vira reclinada gentilmente, gracilmente na frisa do theatro lyrico, e divagando tão bella e tão linda pelas alamedas do Palacio bordadas de flores desconhecidas.

As minhas lagrimas piedosas a acompanharam á beira do tumulo e então slli, confessei-lhe o meu amor n'uma prece, como sonhando, ao vel a assim adormecida para sempre, que um dia havia de enconral-a lá nos ceus toda virtude e pureza e que então as nossas almas se uniriam, porque só lá junto a Deus está estabelecido o principio da igualdade.

Porém, momentos depois de a ver desaparecer para sempre, com a minha alma lanceada de dôr, desperto e penso — muito estúpida é a realidade!

Pobre Aldina!...

BENTO IZIDRO.



## A VINGANÇA

(DRAMA EM 3 ACTOS)

Sala nobre. Uma porta á direita, outra ao fundo. Curvada sobre a mesa, ao centro, Laura escreve Num papel cõr de rosa; e, no rosto de neve, Parece viver fliz um terno amor profundo...

(Acto primeiro).

Ergueu o panno. Noite cerrada. Um vulto ao longe, além, por entre o arvoredor Deslisa mansamente: é o noivo, o Alfredo, Que vae fallar agora á sua Laura amada.

(Segundo acto).

De Laura, entra no quarto, armado, O Pae, e diz: Ladrão que me roubaste, aos dias D'uma velhice honrada, as santas alegrias!

—Quero-te a vida em troca, infame, scelerado! Alfredo mostra o peito, altivo e soberano... Um tiro.

(Terceiro acto).

Ha palmas.

Cae o panno

Vizeu—99.

CRUZ ANDRADE.



## CARTAS D'ALDEIA

Ao Ribeiro de Carvalho, meu amigo.

**E**SCREVO-TE, agora mesmo, quando a lua no ceu, todo claro, anda tangendo o esplendoroso rebanho de estrellas.

E uma a uma vêem sahindo do seu luaroso aprisco.

\*

Esta coisa de escrever cartas, foi, provavelmente, ideia d'algum espirito melancolico e triste.—Triste, por certo. E' o que penso e é o que me parecem dizer os murmuros da agua que grogoleja perto.

\*

Estes dias, por aqui, cá nesta paz tão elysial, coadunam bem com o meu espirito. Algumas vezes a recordação d'esses tẽmpos da cidade vem-me vizitar em companhia do tédio; mas depressa, nesta santa paz, esvae-se tudo isso com o evolvar lento do perfume resinoso dos pinheiros. E, como se fosse no sanctuario, olho a minha pequena estante, d'onde os meus velhos amigos, — os livros me chamam.

Olha: são oito horas da noite. Ha pouco inda cheguei da costumada peregrinação pela aldeia. Nas faldas da montanha, á beira do claro veio d'agua, ha um pequeno retiro, com o seu perfume de hortellã, e o seu docel feito da rama de umas laranjeiras que noivam uma segunda vez... E' ahi que pelas tardes adeante, numa choreação meiga, oíço as concertantes dos pardaes que estão emboscados, em baixo, no salgueiral, e o meu ser é então invadido por uma doçura mystica e enervante que vem dulcificar e embrandecer a minha pobre alma.

Pela montanha andavam rebanhos que baliam tristemente, e a pegureira chorava com elles...

Tanta era a saudade e a tristeza d'aquella alma...

Murmura rio, murmura  
E' doce o teu murmurar  
Que tristezas, que suspiros  
Tu tens no teu soluçar.

Dei um ai entre dois vales  
Ouviram-me dois penedos:  
Ai de mim que eu já não tenho  
A quem conte os meus segredos...

O cantar é para os tristes  
Quem o pode duvidar;  
Quantas vezes canto eu  
Com vontade de chorar...

E a sua voz parecia o sino da capella a dizer o Senhor-Fóra...

Coitada! Tão nova e linda!

Quantas vezes canto eu  
Com vontade de chorar...

\*

Hoje, mais uma vez, ahi n'esse perfumado retiro, li o *Cinzas* do nosso querido e infeliz Cerejeira. A sua alma chorava ainda n'essas paginas; paginas feitas da cinza dos seus sonhos, das lagrimas do seu coração, de maguas e melancolias...

•Nos versos d'estas paginas, amortalhado,  
Jaz o meu coração...

E assim por todo esse vergel de rosas encantadas a morrerem em crepusculos nostalgicos e nevrotizados...

•Em cinzas se vae tudo .. E cinzas são  
Dos verdes annos d'um peito bizarro  
Estes versos que sahem do coração  
Como o opio que se exhala d'um cigarro!...

O poente era de sangue quando li esse livro, e ante os meus olhos, suggestionado pela melancholia que se apoderou de mim, vi passar toda a desgraça d'este bom povo a quem o piedoso Deus deu o condão de chorar, cantando; condão que os nossos antepassados, toda uma legião de enamorados Poetas, de valorosos e destemidos Cavalleiros e Navegadores, nos legaram...

Infeliz Poeta! Quando lhe começava a aurorear a Vida foi que a tísica, a romantica e pallida donzella, o levou para o desconhecido e para sempre...

•Nos versos d'estas paginas, amortalhado,  
Jaz o meu coração...

Linda noite de luar a d'hoje, noite linda p'r'amores, noite linda p'ra idyllies.

A luz do alto, cáe em ondas; e na paz nocturna da minha aldeia recorde os meus primeiros amores...

Quem os não teve?!... Quem aos dezeses annos, inda não sonhou?!...

Assim fui eu: amei, sonhando; sonhei amando...

E que de encanto a espiritualisar esses meus primeiros amores!...

Foi n'uma noite de luar como as d'agora; noite linda de espadellada com cantigas e guitarradas, que a conheci e que a comecei a amar—á casta e meiga Joaninha, linda, linda como o seu candido nome...

Joaninha! Que rosario de lagrimas ao balbuciar este nome... Recorda-me todo esse doce typo de camponeza, na verdade, a encarnação d'uma ecloga de Rodrigues Lobo...

E como recorde ainda todo esse pequeno idyllio, cheio de ternuras mutuas, de meiguices e encantos...

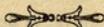
Nada d'isso hoje existe; unicamente a saudade e a lembrança e, recordando os meus perdidos amores, olho o ceu e as pallidas estrellas; e entre ellas ha uma cujo brilho é mais intenso que, de lá, me acena e faz chorar...

Adeus!...

Dezembro de 1899

GONÇALVES DIAS.

(Do meu livro, a entrar no prelo—*Telas Rusticas*)



### Os olhos da Morgadinha

Elle era forte e audaz como Sansão!... Ao pé d'elle, os valentes desmaiavam E as cabeças altivas abaixavam... «Que era um tigre com garras de Leão!»

Toda a aldeia o temia... e com razão Que terror os seus feitos inspiravam!... D'um golpe, os velhos robes estalavam Sob o peso brutal d'aquella mão!...

Mas um dia... o molosso... esse leão Tornou-se meigo e humilde como um cão D'olhar humano e fronte mais tranquilla

Fora o caso, que elle uma vez na estrada Dera c'os olhos doces da Morgada... E o Sansão encontrava a sua Dália!...

J. REGALLA.



### A MORTE DA FADA

(A Mario Ney)

ELLA, a filha do Amor e da Belleza, nascera no calix d'uma flor, por uma radiosa manhã de verão.

Festejaram o seu nascimento as aves canoras com as suas volatas, e as borboletas multicores dançaram á volta do seu berço florido.

Recebera o primeiro banho do orvalho matutino, dera-lhe o sol nascente o primeiro beijo, e embalara-a docemente a brisa dos campos.

E então no ambiente azul appareceram umas neblinas fluctuantes a incensarem com os perfumes evolados das flores a fada que nascia.

Os nascimentos das fadas devem ser assim. A natureza parece então rodear-se de todos os fulgores e louçanias para as receber condignamente em seus braços.

Fôra-lhe predestinado presidir ás noites nas praias do mar. A sua magia varinha devia fazer brotar a sorte de encantos e seducções.

Mas a sua vida seria ephemera como as flores,—como a flor que lhe fôra berço.—Morrendo as flores, morreria ella.

Ella, pois, doidejara febrilmente por todos os prazeres, voejando sem cessar como a abelha á busca do nectar.

Com as suas mãosinhas de creança colhera todos os sorrisos dos namorados, todos

os beijos das virgens, formando um mysterioso *bouquet*, seu talisman inseparavel.

Mas passaram os dias de verão, vieram as primeiras brumas do outomno, e, como lhe fôra vaticinado, tinha de morrer alfim.

E ella que nascera n'uma madrugada de verão no calix d'uma flor, morreria no crepusculo d'uma tarde do outomno na espessura d'uma onda bonançosa.

E morreria á beira-mar, no seu logar de eleição.

Então, n'esse dia, o sol escondera no mar a sua aurea fronte, as ultimas flores penderam languidamente as suas corollas e murcharam; choraram-na as avesinhas em nenias lugubres, as ondas do mar em roucos choros, e até as longinquas estrellas, durante a noite, verteram mil gottasinhas de orvalho crystallino.

As praias ficaram como que viuvias sem a sua protectora, perdendo os encantos que emanavam d'ella.

Pois se ella era a sua alma, a sua essencia!

Diz-se, porem, que ellas renascem como a phenix, todos os annos, por uma manhã do verão incipiente.

Esperemos, pois.

Pova.

B. PEREIRA.



### FRAGMENTO

(Do poemeto *Dolôres*, a sahir do prelo)

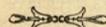
«Deixa sonhar quem de sonhar só vive  
E quem de amor accorre á triste bóda...  
Eu queria levar a vida toda  
Sonhando sempre os sonhos que já tive...

Quando da Vida no fugaz declive  
A alma só em sonhos se accomoda,  
Temos de os olhos ir deitando em roda,  
Sempre em busca de alguém que nos captive...

Tendo quem junque de illusões queridas  
Esta senda de abroelhos que nos cansa  
Nunca sentimos tanto as nossas feridas...

Porque esta Vida sem amor, decorre  
Entre um grito de dôr e outro de esperança,  
Entre um sonho que nasce e outro que morre...

RIBEIRO DE CARVALHO.



### A Côca

Se vós quereis ser perfectos, vendei o que possuis, dae-o aos pobres e tereis um thesoiro no ceu.

S. MATHEUS XIX, § 21.

I

DESCALÇA como uma penitente, embrulhada n'uns farrapos pretos, um véo escuro occultando-lhe a cabeça e as faces, errante e mendiga como o rei Lear, ella,—a Côca, como lhe chamavam os rapazes,—levava vida trabalhosa, vagabunda, de rua para rua, de terra para terra, ora para aqui ora para acolá, qual Assheverus. Victima d'um mau fado, ludibrio da Providencia, não se demorava n'uma parte, como que a variedade da natureza e os aspectos do espaço, uma e outros gosados em terras diferentes, a encantavam e a prendiam á vida. Para onde ia? A Côca, ella mesma, ignorava para onde. Sabia que ia, que caminhava, sempre, tropeçando nas pedras dos ca ninhos, ensanguentando os pés, de coração sangrento, de olhos lacrimosos; não se lhe dava de tudo o mais.

Chegada a qualquer povoado, a rapaziada tremia á sua vista, e berrava;

—Olha, a Côca!

E ella, tão boa, tão simples, alma de martyr que, lentamente, proseguia no seu calvario, devia de sorrir sob o véu preto, resignadamente!

Poucos conseguiam vêr-lhe a cara; apenas alguns dos que, chamando-a a casa, lhe davam uma malla de leite de cabra, um naco de pão ou queijo fresco. Interrogada acerca do passado, respondia, penalizada: «Mas... já nem sei como isso foi...»; e se insistiam, corria para a porta, atravessava immediatamente a aldeia e ia dormir na mais proxima.

Pobre phantasma, galvanizado pela dôr, tornado verdadeiro prototypo das miserias mundanas!

## II

Serena e melancolicamente, o sol foi declinando para o occidente, como saudoso filho a reclinar-se, mansamente, no cõllo quente de mãe querida. Ouviu se o Angelus, e, na paz que ia lambendo a terra, rezou o pegreiro, depoz a Biblia o reitor, quebrou o canto a camponeza.

Em seguida as estrelas começaram de mostrar-se, a tremellicar, exactamente como palpebras a abrirem-se, de extremunhadas, depois do sol, durante todo o santo dia, as haver cegado.

Por fim, a lua scismadora surdiu por detrás d'um monte, enormemente linda e lindamente branca, fazendo lembrar uma grandissima bóla de neve, arranjada por estudantes, em manhãs geladas de janeiro, á porta da escola.

Sentado á beira do caminho, ao pé de minha casa, devanejava. Dos curraes vinha o grunhido dos porcos, dos redios o balir e o chocalhar das ovelhas e das cabras, e o campainhar e o mugir das vacas. A's vezes, um balido, outras vezes, um mugido, e, de quando em quando, um e outro confusamente.

Um cão da Terra-Nova, — ainda hoje choro a sua morte! — deitado a meus pés, ladrrou, e então, erguendo a cabeça, eu apercebi-me de um vulto negro. Era a Côca! Vinha esfalfada de tolo. Pediu-me que a acoitasse por aquella noite. Tinha fome e sede, sentia-se muitissimo fraco, e então um frio a tomar-lhe os membros... Conduzi-a á cosinha, onde uma grande fogueira crepitava. Insisti para que tirasse o véo. Quando mostrou as faces, fui victima d'uma admiração sem limites. Teria ajoelhado, se não me arrecesiasse da vinda d'algum. Os olhos, não costumados á luz, conservavam-se semi-cerrados como os d'um myope; eram pretos, via-se bem, pretos como o seu cruel fadario. O rosto apresentava a pallidez atraheute do soffrimento, o nariz era *mignone*, e a bóca pequena como a urna d'uma flôr. O cabello escuro acastanhado, tinha luzimentos ao clarão avermelhado das achas a arder.

Tanto lhe pedi para que me contasse a sua vida, que ella acabou por responder que sim. E contou m'a com voz insoaquante, que mais parecia um conjunto de soluços conservados na garganta e a desfilerem-se então, com impeto, por largamente retidos.

## III

«Sonhei e amei, — começou por dizer a Côca. Sonhar e amar são os dois pólos da vida. Partindo d'um pólo, cheguei ao outro. O homem amado obrigou-me a fugir de casa dos meus paes que o odiavam. Fomos felizes como duas almas privilegiadas que, tendo o mesmo aneio de, sedentas, cairem a beber na amphora do Amor, nunca se saciam e estão sempre promptas a confundir com os seus pensamentos as miserias do mundo e as de-

licias d'um outro mundo melhor que deve de ficar perto do céu ou no céu mesmo. Decorreram annos, e nós venturosos, até que uma vil mentira veio transmutar o nosso presente e o nosso futuro em negrumes e dôres. Metteram na cabeça a meu querido que eu era uma adúltera! Uma noite, costurava, gozando do brincar do nosso filho, quando elle entrou, de olhar carrancudo, e me chamou infame. Exigi-lhe explicações, e quando as descobri nas suas meias palavras, ergui-me serenamente, e disse-lhe:

«— Juro-te pelo nosso filho que nunca deixei de ser-te fiel.

«Elle teve uma gargalhada machiavelica; e, a seguir, puchando por um revolver, berrou:

«— Fica tu, maldita, só tu, na terra, a pagares a raiva que me ergastula o coração como uma vivora peçonhenta! Ao menos, terás remorsos... has-de tê-los!

«Caiu a meus pés banhado em sangue que me ennooou os vestidos.

«Ajoelhei e rezei, prometendo-lhe constancia na vida, até chegar o dia em que iria vél-o no céu.

«Dois mezes depois, o filho morria-me tambem!

«Duplamente viuva, ia perdendo a razão e pensei em matar-me. Depois, chorei. Oh! essas lagrimas que tinham o amargor do martyrio, auctorisavam-n'as a razão e a religião. Morreria, se não chorasse, desabafando, e se não me ajudára a lembrança da futura resurreição. Costumei-me a viver em maior separação do mundo. Tenho-me conservado com grande pureza, para o que tenho evitado as occasiões do peccado, os divertimentos, as companhias, os passeios. A minha vida tem sido mortificada, penitente, de vagabunda.

«Os haveres que possuia distribui-os pelos infelizes, pobres e necessitados.»

«Hoje, sou uma mendiga! E a Côca desatou a soluçar.

— Hoje, é uma martyr, e, amanhã, uma santa! — exclamei eu. Em vez de viuva mundana que vivesse de delicias e vaidades, — d'essas viuvas que S. Paulo chora como mortas, — é uma viuva santa como essas de que falla o Evangelho e que se chamaram Judith, Santa Olympiada, Santa Paula, Santa Marcella!

## IV

Magestosamente, o sol irrompera ao outro dia, depois d'umas dealbações lindas de encantar e de cantar. Para mim, se apparecia, era para servir mais uma vez de apothose á martyr que, proseguindo no seu fadario errante, se partira ao longo dos caminhos pedregulhentos, ensanguentando os pés, e tendo por despedida o grito da rapaziada em côro:

— Olha a Côca!

ARTHUR DORIA.

— 1900 —

## Soneto XXV de Shakespeare

Os meus olhos, ó flor dos meus amores!  
N'este meu coração que lhes foi tela,  
Reproduziram tua imagem bella  
Com mais arte e verdade que os pintores.

E para que tu visses taes primores,  
Eu rasguei no meu peito uma janella  
Bem ampla, airosa — e são vidraças d'ella  
Os teus olhos, dois astros scismadores.

O que fazem os olhos! Maravilha!  
Os meus fizeram teu retrato, filha,  
Os teus vidraças do meu peito são.

Mas ah! o olhar fora o supremo artista  
S., pintando o que está presente á vista,  
Nos pintasse tambem o coração.

RODRIGO SOLANO.

## Canção das camélias

Ao meu dilecto amigo, José Cunha (Delta)

OUTOMNO. O vento chora saudades por entre a folhagem de um distante pinheiral e, longe, no ar, ennevoado como o olhar da minha doce amada, quando chora, gaivotas brancas erram...

No conforto do seu jardim, atapetado com uma bizarra toalha feita de folhas amarellas, passeia a loira Magdalena, loira nas fulvas e setinosas ondulações dos seus cabellos fartos, branca na sua *pergaminosidade* de tysica.

Anda sempre mergulhada em profunda má-gua depois que o seu noivo, namorado e moço, morrera n'um poente melancolico e triste.

E quando o enterraram ia todo coberto de myosotis e lyrios brancos, brancos como as lagrimas da ingenua amada...

E desde então umas saudades pairam no mais intimo do seu coração.

Lá vae ella caminhando por entre as timidas florinhas com os olhos pregados no chão; e as camélias brancas na sua ingenua candidez, soluçavam de longe, vendo-a passar:

«Lá vae, lá vae a branca entre as brancas que, como nós, durou o espaço de um só dia; lá vae, lá vae a branca Magdalena chorando o seu noivo ausente.»

Então curvavam a sua haste débil, saudando-a respeitosamente.

E pelo morrer da tarde ainda se ouvia, as camélias a soluçar:

«Lá vae, lá vae a branca Magdalena...»

E a sua vida ia-se adelgaçando pouco a pouco, aquella tysica ia-a corroendo; e com o olhar repleto de ternas scintillações, dirigia-se para casa, triste como a tarde que desaparecia, levando nas suas niveas mãos, mãos de uma princeza de ballada, uma camélia, talvez, quem sabe? a concretisação das lagrimas de uma esquecida noiva.

30-11-1899.

AMADEU PIRES.

## Desmentido

Quizeste-me deixar, mulher, abandonado  
Na tragica nudez da minha desventura.  
Quando já estava perto o dia do noivado  
Fugiste para sempre ao meu amor. Perjura!

Dize: que mal te fiz para me abandonares  
D'essa maneira atroz, cruel e repugnante?  
Não foste acaso tu que em mellicos olhares  
Me disseste fremente: — Eu sou a tua amante?!

Mas vê, nada me importa, eu rio-me de ti  
Co'um riso frio: e o livre a trasbordar desde;  
Não penses que era amor o que eu então senti  
Porque eu nunca te amei, mulher, recorda-o bem.

Fiquei até contente, era a minha vontade;  
Se o não fizesses tu, já o eu teria feito.  
A tua fuga, crê, deu plena liberdade  
A' o' pressão brutal que m'esmagava o peito.

E foi melhor assim porque eu já estava farto  
Do teu falso sorrir, da tua companhia.  
Hoje sou mais feliz, Leonor, posso jurar-t'o,  
Sinto dentro do peito um montão d'alegria.

E todavia choro... Oh! não, não sei mentir!  
Presinto o coração de todo esphacelado!  
Eu amo-te, Leonor, e se me viste a rir  
Foi por entre o crystal do pranto amargurado.

Perdoa, minha amada, a satyra cruel  
Que a mão febricitante ousou traçar aqui;  
E' por que sinto o seio amalgamado em fel  
Com a lembrança atroz de estar longe de ti.

Perdôa... e se algum dia uns restos de saudade  
Te perpassarem n'alma, embora levemente,  
Procura pelo Alén, na muda Eternidade  
Que encontrarás ainda o meu amor ardente.

A. ALBERTO MARTINS.

## Uma história triste

AQUELLE velho de aspecto grave e taciurno que passava todos os dias por baixo da minha janella, tinha tambem a sua historia, uma historia que era uma verdadeira odysseia de agruras e desganhos.

Foi ao anoitecer, áquella hora inspiradora e melancolica em que o sol desaparece lentamente, cobrindo de tintas purpurinas a calote do horisonte, que elle m'a contou n'uma voz triste e sumida, sentados n'uma toska pedra do caminho.

Como lhe custava recordar todo aquelle passado dolorido! Como os seus labios tremiam ao desfiar aquelle penoso rosario de amarguras!

E que amarguras aquellas a começar desde a infancia... Muito creança ainda perdera seu pae. Tinha agora umas vezes reminiscencias de o ver no esquite, de fato todo preto, muito pallido e os olhos cerrados, aquelles olhos que em vida eram tão francos, tão expressivos. E recordava-se do muito que chorara sua mãe ao lado d'elle que lacrimejava apenas, inconsciente da profundissima falta que lhe faria o acrisolado protector. Via ainda a Luiza do moinho e a sobrinha, a Laura, a sua amigueta de infancia — essa creança que involuntariamente fora depois a causa de tantos infortunios e desganhos, a soluçar, ajoelhadas em frente do cadaver, n'uma dedicacão que as fazia suppor da familia. Só depois elle conheceu o motivo d'aquella adoracão, de todo aquelle fervor.

Mas mais tarde, magoou-se-lhe devéras a alma com a morte de sua mãe, a santa que o distrahia nos seus momentos de tedio e o consolava em horas de sofrimento. Essa perda, por seu mal, comprehendeu-a elle bem. Quão duro lhe tinha sido aquelle golpe! Quantas vezes elle ainda a evocava em occasiões de angustia!

Foi essa uma das feridas mais sangrentas da sua alma, uma das paginas mais torturadas da sua vida.

Feito o inventario dos bens de seus paes, passou então a viver sob a tutela d'um tio, um vilão de pessimos costumes, espirito inculto e rispido, que lhe batia muitas vezes e o obrigava a entrar em occupações superiores ás suas forças. Mas elle lá ia espalhando aquellas tristezas, afugentando todos aquelles males com a Laurita, com quem brincava alegremente nas horas que lhe deixava livre o rancor do desnaturado tio.

Assim foi crescendo, fazendo-se homem. E á medida que se desenvolvia, ia-se desenvolvendo e modificando ao mesmo tempo aquella amizade innocente que o ligava á Laura do moinho. Todo o seu prazer então era conversar com ella em coisas do futuro, durante muito tempo, um ao lado do outro.

Foi n'um d'esses colloquios que aquelles dois corações se comprehenderam. Amavam-se. Como se recordasse um dia de seus paes, elle perguntara-lhe se nunca tinha conhecido os seus.

—Que não. A tia dizia-lhe que tinham morrido, era ella pequenina.

—Pois bem. Iria qualquer dia pedir licença á tia p'ra se casarem. Ella não se negaria, decerto.

Efectivamente, n'uma tarde dominical cheia de vida e fragranças, como só o são as poeticas tardes da aldeia, foi elle a casa da Luiza do moinho pedir-lhe a mão da sobrinha. Mas a sua resposta toldou-lhe de repente a alma onde havia até ahí um mixto de esperanza e receio.

E' que a Luiza, ao ouvir a proposta, empalidecera; e, cambaleando, tartamudara

n'uma voz que era a um tempo dolorosa e reprehensiva:

—Casar com a Laura!... Mas isso é impossivel!

Logo os olhos do moço se arrasaram de agua.

—Impossivel, porque?! Não tinham elles livre o seu coração, não era elle um rapaz que assegurava verdadeiramente o futuro de Laura? Estava a brincar decerto.

A Laura deitara os braços em redor do pescoco de sua tia e chorava, supplicava que lhe deixasse ser esposa do Mauricio, que haviam de ser muito felizes. Porque recusava?

Com um gesto supplicante, Luiza indicou á sobrinha que precisava ficar só com Mauricio.

E então, febrilmente, as lagrimas a rolaem-lhe em fio pelas faces, disse-lhe:

—E' duro e pungitivo o que vou dizer-te. Mas é forçoso que o saibas. Tu não podes casar com Laura...

E n'um supremo arranco:

—Porque é tua irmã... e eu sou sua mãe.

Era verdade, Luiza era uma filha natural de seu pae e a Luiza do moinho p'ra occultar fizera a passar por sua sobrinha.

E depois d'isto, em horas de pessimismo, soavam-lhe ainda aos ouvidos aquellas desganhosas palavras:

«Porque é tua irmã... e eu sou sua mãe»

E assim aquelle velho de aspecto grave e taciturno me desenrolou os diferentes cantos d'aquella odysseia d'amarguras, que o traziam ainda melancolico e acabrunhado!

18-11-99.

JOSÉ CUNHA (DELTA).

## AMÉMIA

A aurora desprenhia meigamente  
Fios de luz, que a um sopro só divino  
Vinham beijar-te delicadamente  
A fimbria do vestido alabastrino;

A briza ciciando alegremente  
Envolta em mil aromas doidejantes  
Erguia-te os cabellos brandamente  
—Pecados sensuaes inebriantes—!

Ja passando em ancia de conforto  
Minh'alma sensitiva, o meu amor  
Perdida a fé, o ideal já morto;

E ante o poema d'esse teu olhar  
A sua magua intensa, a sua dôr  
Gahiu finada em doce suspirar!

Porto

J. LOPES VIEIRA.

## O amante unico

(TRAD. de Arthur Doria)

SIM, eu affrontei! sim, eu blasphemei! O amor existe. Terno e violento, ledo e desesperado, caricia e briga, candura e deboche, risos e soluços, o amor assáz extranho para não ensombrar Beatriz nem Virginia, nem a mim mesma, assáz formidavel para satisfazer Messalina e Sisina, e a mim mesma, o amor verdadeiro, inteiro, perfeito que é simultaneamente todo o bem e todo o mal, existe! Não ha senão falsas ternuras, falsas promessas, falsas delicias. O homem é capaz com effeito de ser esta especie de Deus: o amante. Porque eu tenho sido amada, eu, emfim! Timido como uma creancita e bom como uma mãe, mais furioso que um marinho ebrio e mais rigorosamente subtil que um joven principe melancolico, com todas as

ingenuidades, com toda a devoção, com todo o phrenesi, com todos os artificios, um homem me tem encantado, embalado, espedaçado, enraivecido, e só por causa d'elle tenho ás vezes nos olhos o olhar de extasis que desafia os paraísos!

Era Carolina Fonteje, a graciosa e illustre poetisa, que assim fallava: continuo, toda febril ainda do trabalho do dia, a voz rythmada pela lembrança dos versos:

«Conheceis a minha casa de tijolo vermelho em Villeneuve Saint-Georges, e o meu pequeno jardim que trépa a encosta? Uma tarde que estava assentada, sósinha, sobre o banco d'uma alea, ouvindo morrer o ruído dos ninhos, das folhas, da lenta ribeira ao largo — houve um movimento de ramos partidos, e, do alto do muro, um homem caiu deante de mim. Apenas caído, a pé! e olhando-me bem de frente. Oh! tinha ares de furioso, cabellos ao vento, a barba comprida e desigual, em mangas de camisa. Algum vagabundo! um ladrão talvez. Mas pelo clarão um pouco carrancudo dos olhos, pela sangrenta côr da boca, elle era bello; não tive tempo de intimidar-me, tanto eu fui immediatamente arrebatada. As mãos muito estendidas, como alguém que vae emfim roubar um thesoiro largamente almejado, fallava-me com balbuciacões, com estertores de ternura, de colera tambem.

«Tendo o que a palavra humana, entre-cortada de soluços, pôde exprimir de humilde amor e de ameaçador desejo, de respeito infinito e de insolente furor, elle o diria.

Elle supplicava, elle ordenava. A prece que exige, o ultraje que pede perdão. Eu tinha sobre todo o meu corpo, como um fluido de mãos impostas, a vontade furiosa e doce do seu olhar, e eu sentia que nunca tinha sido desejada nem amada com tão brutaes transportes, com tão delicatas submissões.

«D'onde quer que viesse, fosse a bem-vinda, a alegria!

«Abro a minha janella aos raios de todas as estrellas, aos perfumes de todas as flôres, aos relampagos de todas as tempestades. Não é preciso afugentar a felicidade, — este hospede demasiado raro, porque elle chega d'um modo extravagante. Sem uma palavra, sequer, estendi as mãos para as mãos estendidas do desconhecido terno e terrivel; e o meu coração desfallecia n'uma deliciosa languidez, enquanto elle balbuciava, a fronte sobre os meus joelhos, o seu amor e o seu reconhecimento.

«Oh! felizes dias depois de noites criminosas! D'onde chegava elle? a quem o perguntar? Tinha vindo a mim; isso bastava. Quem era? Sabia-o muito bem; era o meu amante. Eu lhe devi todos os terrores, todas as lagrimas, todos os sorrisos. Extenuada ainda das ferocidades de seus apertamentos, elle conduzia-me, desde manhã, aavez dos campos, dos bosques, dos bordos do ribeiro: o seu braço, que me havia magoado, tinha, em volta da minha cintura, caricias de berço; a sua voz, ha pouco tão rispida com os gritos do animal feroz, era mais leve e mais doce que uma canção d'ave desperta. Nós eramos muito creanças, os dois, elle principalmente. Nihérias encantadoras que me obrigavam a rir, e me encantavam. Para um lagarto cinzento fugindo sob as hervas, elle tinha sobressaltos de alegria e persegua o reptil, servindo-se das mãos para correr, como um gato que busca uma ratazana. Posto que soubesse muitas coisas — elle devia ter lido muitos livros e sonhado depois das leituras, — mostrava singulares ignorancias, por instantes; havia flôres vulgares cujos nomes desconhecia; era preciso ensinar lh'os e explicar-lhe em que parte do anno ellas desabrochavam, e os paizes em que abundam. Outras perguntas ainda a proposito de mil cousas.

«Eu, para ensinar a grande creança, para lhe fazer repetir as palavras que não tinha comprehendido a principio, tomava ares severos de institutrice que ralha. Oh! as adoráveis lições! Gostava de elle ser mesmo sabio que eu, e de me escutar com uma cara espantada, como um estudante que se admira. Assentava-me algumas vezes sobre uma grande pedra e, enquanto fallava, maternal, um pouco sabichona, elle, de joelhos, os olhos erguidos para mim, abanava-me os labios com um ramo florido, e, ao mesmo tempo, soprava sobre as minhas faces para afastar d'ellas, dizia, o lonco, a sombra tremula das folhas e das flores. Mas, de repente, endireitava-se, uma alegria altanada no olhar. A creança tornava-se um homem, o homem um heroe. Com lyricas emphases, com gestos de gloria, contava os seus sonhos. Para que eu fosse fiel e religiosa, appetecia elle todas as honras e todos os triumphos. Seria? era o principe victorioso deante do qual tremem as armadas; ou o poeta sublime que esperam os Capitulos. Evocava os palacios em festa, repletos de bandeiras conquistadas, as praças publicas d'onde sobem as aclamações das multidões. E com o orgulho no coração, eu seguia-o na feeria de suas gloriosas chimeras!

«Viajavamos, a cavallo, a pé, não importava, pelas montanhas, confiando o nosso amor ao acaso dos sonhos d'albergue ou de séstas sob uma pedra não aprumada. Eu era audaciosa, elle, temerario! Sósinhos, de pau ferrado na mão, escalavamos a immobilitate convulsa das rochas, ou resvalavamos ao longo das verdes ladeiras molhadas. E quando, depois de termos atravessado as geleiras cuja neve soante esconde os reptis, nós subiamos a algum alcantil, elle, de pé, soberbo; entre a vasta altura do azul, apertava-me, arquejante, nos seus braços, e beijava-me os labios, em pleno céu! Algumas vezes desciamos ás cidades. Então, tornava-se medonho. O ciúme devorava-o furiosamente. Porque um homem se voltasse para vêr-me, porque um passageiro tivesse tocado o meu vestido, sahiam-lhe clarões subitos dos olhos, e os seus dentes, de raiva, batiam. Levava-me, escondia-me, fechava-me. Eu os conheci, terríveis e exquisitos, os horrores de ser insultada, de ser batida por aquelle que adoramos, e que, com sangue sob as palpebras e escuma na bôcca, ajoelha a nossos pés provocando-nos com o punho, e vae talvez matar-nos, a menos que não nos abraçe nervosamente, com beijos que são mordeduras! Mas os seus mais desenfreados arrebatamentos — oh! bem caros! oh! bem doces! — tinham no dia seguinte, humildes arrependimentos, ternas submissões; reclamava castigos, exigia penitencias; um peregrino culpado, deante da santa que perdôa, era elle; e, para me poupar uma lagrima, para me tornar mais alegre um sorriso affrontaria a morte mais cruel. Uma vez, do alto d'uma ponte, via eu escumar a agua verde e branca da torrente entre as rochas, uma flôr caíu-me do peito por effeito da aragem; elle precipitou-se, e, de frente lacerada pelas pedras, traz-me a flôr na sua mão ensanguentada.

«Tres mezes depois, uma manhã—nós voltavamos a Villeneuve-Saint Georges, — a minha creança entrou toda esbaforida, com gestos que deitavam por terra os moveis, no quarto em que nós estavamos a vestir-nos.

«Os gendarmes haviam chegado, buscando um fugitivo.

«Aquelle que me tinha dado a conhecer o amor verdadeiro, inteiro, absoluto, o amante terno e violento, máu ás vezes, ingenuo e magnanimo, o amante bravo e ciumento, e devotado até mais não, o amante perfeito, —o unico amante digno d'este nome, sim, o

unico—era um doido que conseguira evadir-se do asylo de Charenton.

CATULLE MENDÉS.

## Amores d'alem-tumulo

(DE CAMPO-AMOR)

I

Que o enterrassem mandou  
Almanson, o aguerrido,  
N'aquelle pó recolhido  
Nas batalhas em que entrou.

II

Oh! morta que tanto amei  
E a quem nunca hei de esquecer!  
Em tuas cinzas pedirei  
Me enterrem quando eu morrer.

III

E mais feliz que Almanson,  
Em mortalha differente,  
Gosarei perfeitamente  
Se elle a gloria, eu o amor!

GUY DE CADAVAL.

## CARTAS PRÁ CIDADE

Ao Gonçalves Dias, meu amigo

ESCREVO a lapis no peitoril da janella. Tristonha e sombria, essa paisagem por ahí álem. Parece tremere de frio, dizerem lamentos, as pobres arvores nuas, erguidas p'ró ar os braços escanifra los, n'uma magreza de tysicas, que até causa dó. Ali ao fundo do arreto, o rio lá vae a remungar mal humorado; e as nóras atiram p'ra alma fria dos espaços, uma cantiga de fazer chorar, uma cantiga assim repassalinha de tristeza, como a que os cegos costumam cantar em dias de frio á porta dos ricos. Parecem lamurias de gente, as lamurias das nóras!—parece haver n'ellas um'alma de infeliz a soffrer, uma garganta d'homem a soluçar!...

Lá por a sua al léa, Augusto, também chorarão assim as nóras? Ha as que só sabem cantar, mas estas não. Não sei se é por assim estarem tão pertinho de mim... por terem aprendido commigo!... Talvez!

Virados os meus olhos ali p'ro lado da Ponte, foram topar com um enterro que lá vae devagarinho, estrada a cima, caminho da villa.

Rosario de contas vermelhas, rosario de sangue me lembram aquellas capas, que são, na verdade, contas a desfaiarem-se do rosario, da morte. E que tristezas não vae a dizer a campanha por'hí adeante, d'lim dlão! d'lim dlão!... Vem d'ali, d'um povo perto, aquelle esquite que elles levam.

Agora me lembro: depois quando ia para a Missa — que por aqui a gente vae todos domingos á missa, não é como por ahí, seus atheus!... — ao pé de mim iam duas velhitas a lamentarem, a chorarem aquella morte.

—Fôra uma rapariga, ali de Arozello, môça ainda, que lá morrera, assim nem sei como, p'la manbásinha. Parece que o Senhor a mandara chamar para o sol, que é quem nos traz os recados de lá-de-cima.

Bem me lembra o que as velhitas iam a dizer, assim como quem precisa de botar a alquem as culpas d'aquella morte. Os medicos. Ora, os medicos é que muitas vezes...

Coitadita da rapariga! Devia lhe custar morrer, assim tão môça como nós!...

E deve estar tão fria a cova, não deve? Dá-me vontade, mesmo cá de longe, de me pôr de joelhos deante d'aquella esquite. Se eu soubesse rezar... mas ha tanto tempo que eu não tornei a casa do senhor Vigario, que deixei de ir á examina... já nem sei... E vou

todos os domingos á missa, misturo-me com essa boa gente!...

Mas deixemos lá o enterro. Todos nós havemos de ir—diz por ahí essa gente. Mande você a sua alma debruçar-se commigo ao peitoril d'esta janella, e deixemo-nos ficar um pedacito d'olhos postos n'esse desdobrar de paysage por ahí além...

Vae morrer o dia. Ha cansações de sol a deitarem-se pela terra fria, doentemente, montes arriba, os pinheiros parece que estão ajoelhados; e d'elles nos vem, pelo ar fóra, um doce ciciar de rezas, em surdina. Vae morrer o dia n'uma agonia mansa de santo. O sol desgrenha lo e palli lo estrebuxa no poente. Parece que ha nervos a estalarem no sol afflicto, e andam no ar rezas ditas pelos pinheiros tórvos, ajoelha los montes acima, mãos erguidas em cruz para o céu, frio e azul... Parece—assim todos de negro—que estão de luto, parece!

Tão tristonha a minha terra!... Enchem-na de afflicção, como um grande e escuro desgosto, estas tardes d'outomno.

Se vo'é, Augusto, a tivesse visto ainda ha bem pouco tola repassalinha de risos no seu fato domingueiro de côres, labios vermelhos a dizerem cantigas ao sol—se você a tivesse visto toda enfeitadinha de côres, moça e garrida no arraial claro do verão, n'essa festa de luz que o Senhor celebra p'lo ar —havia de doer-lhe a alma, vendo-a tão de-finhada e doente, agora. A tísica do outomno amarellece-a.

Definha-a, consome-a, mortifica a essa peste negra do outomno, que a ralla de desgostos!...

Olhe, lá vae a rezar a procissão das aguas, como quem vae ao Senhor fóra: e as nóras tem vezes de gente a cantar em surd na o Bem-lito, — tão tristonhas, que até dá vontade á gente de chorar com ellas. A Paisagem a morrer!... Os melros põem no ar gritos de afflicção. O ceu le nbra um olhar azul enovado de lagrimas, a olhar p'rá gente, a olhar... O dia tomba a cabelleira desgrenhada do sol na almofala dos montes, doente, cansado, e lá ao longe, no cimo da serra o esqueleto do velho castello de Vilhargues, parece encostar-se ao ceu para não cair.

Assim como que a fincar as garras das ameias n'um farrapo azul de ceu, parece, o velho, que está lembrar a gente, a suprema heroicidade do seu antigo senhor — o Decepa-do — a abraçar-se á Bandeira azul das Quinas na batalha de Toro.....

Começa a fugir-me a luz. Cá para o poente, agora, umas nesgas de sol, que me parecem uns dedos delgados d'oiro, a dizerem adeus, adeus!...

Embaço-lo, lá vem do levante o Crepusculo rondar a noite. — Parece-me que o triste an-la enamorado da Lua... Anda em cata d'ella... mas não a lobriga...

Foge-me a luz, e foge-me com ella do pensamento tudo o que, quando me sentei aqui, tinha em mente mandar-lhe dizer, meu Amigo. Se, esta carta não fóra já tamanha, tentaria principiar.

E depois, tira-me dos meus sentidos esse olhar fito do ceu. Ha n'elle um nevociro de lagrimas, e é tão parecido com um que conheço na terra, que até me custa levantar para elle os meus olhos.

Por isso me tira dos meus sentidos, e me faz dizer só tristezas esse ceu, assim a olhar para mim, a olhar — com seus olhos tam percidos com esses que tão poucas vezes hei visto viralos para os meus.....

Adeus até breve, e dê desculpa ao do C.

Seu amigo

S. Pedro do Sul, 26 - 11-99. J. CORRÊA D'OLIVEIRA.

## FOLHETIM

(18)

GEORGES DE PEYREBRUNE

## Uma Separação

## PRIMEIRA PARTE

IV

O ar ainda fresco da viração matinal agitava-lhe as grandes suizas, de um loiro ar ruivado, grisalhas nas fontes. Bem montado, bom cavalleiro, forte e apumado, de arcabouço robusto, de mãos finas, o medico esquecia n'aquelle momento a sua barba grisalha, os seus cincoenta annos e a sua calvicie, para suspirar d'amor como um collegial. Chegava a alimentar a illusão de ser amado. Esse rustico amor coloria-se aos seus olhos de uma tinta de idyllio. O campo que atravessava, exuberante da efflorescencia da primavera, figurava-se-lhe um quadro poetico para os seus bucolicos amores. O sceptico dodivanas enterneceu-se, ouvindo cantar o t. ntilhão nos freixos; encostando a egua à beira do valla do, curvou se para colher um malmequer branco e mordiscou-o, ávido de verdura e de perfume.

Em seguida, entrou em casa pela porta do fundo do parque. E logo, sentiu-se violento e aggressivo, ao pensar que lhe era necessario empenhar uma lucta com Magdalena, afim de conquistar a sua liberdade.

Indub.tavelmente, Magdalena não o incommodava e elle não a afastaria, se as cousas pudessem conciliar se. Chegava a ter remorsos, quando em tal pensava. Mas a paixão arrastava-o, e Pedro sabia que era inutil tentar subtrahir-se ao seu imperioso jugo. Assim pois, cumpria-lhe tomar a iniciativa, deliberadamente, e resolver as cousas sem demora.

Da existencia que ambos levavam, resultava que Magdalena não perdia nada sabindo de casa; elle não era nem seu marido, nem mesmo seu amigo. Magdalena nunca solicitara o seu apoio moral; passavam ao lado um do outro, sem nunca se aproximarem. Assim, pois, ella podia viver só. Pedro convenceu-se que em virtude do seu temperamento, inteiramente opposto ao casamento, ella nem mesmo soffreria. Era uma mulher feia, sem paixão, sem desejos: um marmore.

Logo que Pedro Baldy chegava á classificacão de «marmore», applica-la á esposa, os seus remorsos voavam, e o seu procedimento parecia-lhe ao abrigo de qualquer censura.

Nestas disposições, o medico encaminhou-se para a casa do jantar, ampla e fresca nas suas côres alegres, onde o esperava Magdalena, vestindo uma singella toilette de lâ cór de chumbo.

Elle inclinou-se, afastando o jornal que lia, Pedro retribuiu-lhe a saudação. Depois, informou se da sua saude, ouvindo a banal resposta do costume, approximaram-se ambos da mesa muito larga, e assentaram-se defronte um do outro.

Habitualmente, Magdalena e Pedro liam enquanto comiam. Mas n'essa manhã, o medico mandou ostensivamente retirar os jornaes e começou por dizer que a nova estação se annunciava sob, excellentes auspicios.

Magdalena, surprehendida, levantou os olhos; depois, fechou attentiosamente o livro que acabava de abrir, e respondeu;

—Magnificos.

Acabando o creado de collocar um prato sobre a mesa, Pedro apressou-se a pegar-lhe e a offerecel a Magdalena.

(Continua.)

## THEATROS

## Theatro D. Affonso

Apenas o «Fausto» de Gounod cantado na quinta e sexta-feira, merece hoje a nossa ligeira apreciação, pois que foi a opera que, n'esta epocha, se cantou pela primeira vez, repetindo se na terça-feira, o «Trovador» que o publico continuou a ouvir de bom grado dispensando justos applausos a Colombini, Franchesi, Tanci e Scaramella.

O «Fausto» tolerou-se porque Casalsi deu-nos uma Margarida encantadora, brilhando bastante na *aria das joias*, embora a sua voz pequenina mas muito mimosa.

Scaramella teve as suas honras na aria do 2.º acto sendo muito consciencioso no seu trabalho da scena de morte.

Torres brilhando como cantor não foi tão feliz na sua parte dramatica, pois deu-nos um «Mephistoph'es» pouco energico, pouco sarcastico. Porem como cantor foi vivamente applaudido na canção do 2.º acto *dio del oro* a que deu magnifica execução e que teve de repetir.

Franchesi houve-se muito correctamente, cantando muito bem a bellissima canção *Le parlate d'amore*.

O tenor Constani, é que foi uma desgraça, tendo uma voz muito agradável podendo sobressahir no papel de responsabilidade que lhe coube, não teve alma de artista para d'elle tirar partido.

Os coros então pessimos, sendo deploravel o coro dos velhos.

O «Fausto» repetiu-se da mesma forma na sexta feira e o «Trovador» hontem.

## Theatro Carlos Alberto

A primeira representação da peça do sr. Souza Rocha os «Cem mil diamantes» foi á scena na sexta feira com uma enchente á cubna.

A peça é um *arreglo* a uma zarzuela já representada entre nós no Principe Real, não ha muitos annos, e que Souza Rocha aproveitou e coadunou bem áquelle theatro de molde a satisfazer os seus frequentadores.

Admiravelmente posta em scena, com um magnifico guarda roupa e um excellentes scenario, com especialidade o do final do 3.º acto, é peça que faz as delicias do seu publico e que não sahe tão cedo do cartaz.

No desempenho extremam-se Santos Mello, Oliveira, Firmino, Rocha, Fonseca, Accacia, Luz Velloso, Luiza d'Oliveira e Maria Santos, esforçando-se os demais artistas para não desmancharem o conjuncto.

A musica de Symaria é muito agradável e apropriada á peça.

Repetiu-se hontem e repete-se hoje, á tarde e á noite, as temos vista principalmente na theatro uma grande concorrência.

## Notas de sport

Os dias esplendidos de sol teem levado os nossos cyclistas por essas estradas fora a aquecerem se do frio intensissimo que vae fazendo. Assim nós os temos visto principalmente na Foz e Mathosinhos ziguesagueando com as suas machinas, enquanto que os grandes excursionistas fazendo grupos, vão em deliciosos passeios por essas estradas alem, disfrutando as paysagens melancholicas das nossas aldeias.

Se a falta de corridas velocipedicas nos parece attestar a pouca vitalidade do cyclismo, n'esta quadra que vae correndo com dias esplendidos do sol e asperrios de frio, os passeios dos cyclistas correndo as estradas em

amenas diversões, dizem-nos perfeitamente o contrario, o que mais nos confirmam ainda as casas em que ha machinas de aluguer que já no sabbado á noite as teem todas tomadas.

## HORAS DE SOCEGO

## Charadas novissimas

—a sustenta o mundo de calaim veio do Indostão—2, 1  
O instrumento de calaim veio do Indostão—2, 1  
A unica nota deslisa no soalheiro—1, 1, 2  
Maui o pastor de gado come peixe?—2, 1  
Esse o fructo de que a minha parenta fez a machina—2, 2  
Trá está Deus no inferno a fazer barulho—1, 4

Diadema.

## Charada

Com mais gosto ou menos gosto  
Com certeza o uzarão—2  
depois de o sol se ter posto  
finda a sua rotação—2

Agora amigo leitor  
p'ra a charada terminar,  
folgo de ver um actor  
Com talento a interpretar.

A. Tins-mar.

## Enygma typographico

k  
Qu. m 100preek

Heln.

## Logogripho

(AO DIADEMA)

Nenhuma dor comparou  
A d'esse grande poeta—9, 3, 11, 12, 7  
Que durante a vida amou  
Com o fervor d'um asceta—6, 2, 10, 4, 12, 7

Amou, mas como se ama  
Uma alma immaculada;—6, 3, 5, 12, 3  
Sentiu do peito essa chama  
Meiga sim, como a alvorada—1, 13, 2, 8, 3

E se um egual coração  
Só é feliz ao morrer,  
E' porque nunca a paixão  
E' facil de compr'hender!

Joamel.

## Decifrações do numero anterior

Das charadas novissimas — 1.ª Mecometro, 2.ª Idolatrado, 3.ª Astrolabio e 4.ª Metaphisica.

Da charada — Rosalina.

Do enygma (metagramma) — Manta, Ganta, Monta, Matta, Manca e Manto.

Do enygma typographico — Desistir.

Do logogripho — Arcano.

Relação dos d cifradores:

Joamel, Diadema, Rovi, Zelia, Heln, Teidila, Luar, Zizi, Béta, Zuil e Gil.

## Carteira

Na segunda-feira passou o anniversario natalicio do nosso amigo sr. Fernando Evangelino Gomes Guimarães, distincto e illustrado tenente de cavallaria, adjunto ao quartel general, e um dos membros da direcção do Real Velo Club do Porto.

As nossas sinceras felicitações.

\*

Faz annos no proximo domingo a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Adelaide Abreu, irmã do nosso querido amigo J. J. Abreu.

Antecipamos-lhe os nossos parabens.

TYPOGRAPHIA A VAPOR  
DE  
JOSE DA SILVA MENDONÇA

Rua do Almada, 96

PORTO

Praça de D. Pedro, 95

Nesta typographia imprimem-se com rapida e esmerada perfeição e nitidez: Jornaes, livros, mappas, relatorios, facturas, recibos, cartas, bilhetes de visita, participações de casamento, rotulos para pharmacia, etc., etc., para o que dispõe de material o mais moderno. Preços modicos.

(CASA FUNDADA EM 1882)

Grande Deposito de Bicycletas

DE

SILVESTRE DIAS TEIXEIRA

158, Rua de Sá Bandeira, 157

Unico depositario em Portugal da celebre marca

**GLADIATOR**

a melhor que se fabrica

Os Automoveis e Motocyclos munidos do motor Aster Gladiator de 2  $\frac{1}{4}$  até 12 cavallos de força são os mais aperfeiçoados dos que appareceram ultimamente, e os que melhor resultado tem dado em todas as estradas, conservando sempre boa marcha, devido ao seu excellente Carburador patentado.

Esta casa fornece tambem tricyclos automoveis com o antigo motor Dion & Bouton com um abatimento de 10 % (da força de 1  $\frac{3}{4}$  até 3 cavallos).

Vende toda e qualquer marca de bicycletas á escolha dos catalogos patentes no deposito.

Preços e vantagens excepcionaes.

Officina de reparações e deposito de bicycletas para aluguer na

CASA FILIAL

82 - RUA DE CEDOFEITA - 86

(Esquina da travessa da rua de Cedofeita)

Ha sempre em deposito um sortido completo de accessorios e bicycletas usadas para vender a preços sem competencia.

NOVIDADE LITTERARIA

Alfredo de Pratt

BOHEMIA DE COIMBRA

(EPISODIOS DA VIDA ACADEMICA)

1 volume, 600 reis. A' venda em todas as livrarias.

Deposito geral—Imprensa Academica, Coimbra. Franco de porte.

Ourivesarias, Joalherias e Relojoarias

DE

M. MARTINS MARQUES SUCC.<sup>RES</sup>

123, RUA DE SANTA CATHARINA, 131—PORTO

O sortimento é muito variado, havendo objectos muito lindos, proprios para presentes.

Casa de plena confiança.—Preços fixos.

Commercio Geral de Velocipedes

Unico deposito ao Norte de Portugal das celebres bicycletas

**CLÉMENT**

E OUTRAS AFAMADAS MARCAS, PARA HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS

Agencia de MOTOCYCLES e AUTOMOVEIS

DOS PRINCIPAES CONSTRUCTORES FRANCEZES

João Garrido

CASA FUNDADA EM 1891

Completo sortido de accessorios VESTUARIOS CYCLISTAS

Excelente officina de reparações pessoal habilitadissimo.

MACHINAS francezas, inglezas, allemãs e americanas

PREÇOS EXCEPCIONAES

Rua de Passos Manoel, 16, 18 e 20

PORTO

FABRICA DE TECIDOS DE SEDA

DE

PIMENTEL &amp; QUEIROZ

RUA DE SANTA CATHARINA, 127—PORTO

Sortido completo em velludos, sedas pretas, damascos e sedas para guarda-soes.

Grande variedade em guarda-soes para homem e senhora.

Preços convidativos.